



CMUT0009097

COSTA, Maria Teresa. Custo das obras preocupa os comerciantes. Correio Popular, Campinas, 15 abr. 1994.

Custo das obras preocupa os comerciantes

O proprietário de uma das mercearias dentro do Mercado, José Carlos Peres, está entusiasmado com a reforma, porque acredita que ela irá revitalizar o prédio e melhorar o movimento do Mercado. Mas, como os demais comerciantes, está preocupado em como financiar a obra. “Falou-se no começo em um custo de US\$ 600 mil, mas acho que conseguiremos reduzir pela metade e, mesmo assim, será difícil para a grande maioria, mesmo em parceria com a Setec, arcar com isso”, disse. Ele faz parte da comissão de permissionários que está discutindo com a Setec o projeto. “Os comerciantes não estão dispostos a arcar com dívidas num momento de incertezas econômicas”, frisa, contando que uma alternativa a ser pensada é buscar patrocinadores.

José Antonio Peres, dono de mercearia, lembra que há dois anos reformou seu boxe e que não teria condições para novos gastos, embora reconheça que a reforma do Mercado iria ter impacto positivo sobre as vendas. “Com um lugar mais bonito e agradável, teríamos os consumidores de volta”, diz. O mais antigo permissionário do Mercado, Herminio Garcia (o Pachola), desconhece o projeto de reforma, mas acredita que ela iria melhorar o aspecto do prédio. Há 70 anos instalado no Mercado, Pachola, com uma freguesia cativa que inclui políticos, artistas e onde se sabe tudo o que se passa nos bastidores da cidade, quer primeiro conhecer detalhes do projeto e saber quanto irá gastar para depois dar sua opinião. Enquanto isso, vai servindo suas refeições caseiras para uma clientela garantida com seus segredos de comerciante.

O permissionário Claudio Takano, dono de um boxe de venda de verduras e legumes, está preocupado não apenas com o dinheiro que terá de gastar, mas também com a proposta que está em discussão (praticamente descartada) de derrubada da parede que separa os boxes instalados no centro do Mercado. “Para derrubar paredes teremos de parar de trabalhar e isso será impossível”, comentou, defendendo a necessidade de limpeza e pintura do prédio. “O problema é o dinheiro”, disse. Outro comerciante, Odair de Moraes, acredita que o essencial é a manutenção do prédio. “Temos goteiras, telhas quebradas, calhas furadas. Mas não estamos em condições de fechar um acordo com a Setec com a incerteza econômica que vive o País. Não podemos fazer dívidas em URV. Talvez o ideal fosse reformar em doses homeopáticas”, frisou.